

5 Conclusão

Aquele que vem ao mundo, constrói uma nova casa
Parte e a deixa a outro
Este a arrumará a sua maneira
E ninguém acaba nunca de construí-la.
Goethe

Sobre a intenção de Joaquim de Sampaio Ferraz de fazer o diário, nos parece, hoje, depois de demorada reflexão, que consistia na construção de um retrato retocado de si mesmo que deixava para os filhos e os netos, na certeza de ser lido após a sua morte.

Neste sentido foi “um homem lapidário de si mesmo”, na medida em que se esforçou para construir uma determinada imagem de si¹. O lapidário de si passa a vida construindo um ou mais documentos que possam dar conta da difícil tarefa de deixar registrada para a posteridade o que julga necessário para garantir a perenidade de sua auto-imagem.

Sampaio Ferraz, em determinadas circunstâncias, transcreve partes importantes do seu diário e envia para os filhos, Mário e Alberto, com a seguinte justificativa: “No Diário talvez lessem, e só depois de minha morte... Ambiciono-lhes a solidariedade ainda em vida. Não há mérito nesta e em outras atitudes. É uma questão de cromossomos. Papai²”.

Ele demonstra de forma inequívoca que pretende ser lido e, mais do que isto, ser entendido e valorizado em suas atitudes.

Outro aspecto não levantado na ocasião em que desenvolvi as hipóteses do trabalho foi a compreensão de que o diário registra o conteúdo de um saber cotidiano.

¹ MATTOS, H. M e GRINBERG, K., *Lapidário de si: Antonio Pereira Rebouças e a escrita de si*, p. 27. As autoras transcrevem as palavras de Enéas Pereira Dourado em nota biográfica sobre “O velho Rebouças”, publicadas no *Diário de Notícias* de 26 de agosto de 1926.

² A página do diário foi escrita em 25 de junho de 1953 e copiada para os filhos homens no mesmo dia e encaminhado no dia seguinte. O texto do diário referia-se ao julgamento de um recurso que fizera relativo ao testamento de sua mãe, no qual havia sido deserdado.

Segundo Agnes Heller (2004), existe um mínimo de saber cotidiano; a soma dos conhecimentos que todo sujeito tem que internalizar para poder existir e mover-se no espaço em que vive. Ela se refere ao conhecimento da língua, os usos elementares, os particulares e as representações coletivas normais em seu ambiente.³

A obrigatoriedade de conhecimentos cotidianos é bastante relativa a uma determinada época e local, mas pode ser considerada como patrimônio de quem os possui e transmite ao seu grupo familiar, social. O saber cotidiano que o autor do diário teve que internalizar foi além da sua língua pátria, pois muito cedo começou a se expressar em inglês e o manteve por muito tempo como língua mais utilizada para a escrita, inclusive depois de ter voltado a morar no Brasil. Também o ambiente em que viveu foi bastante modificado quanto ao espaço: no Brasil, no Rio de Janeiro, no final do Império e início da República, na Inglaterra vitoriana e nos Estados Unidos, na virada do século XX.

Os diários registram, além da rotina da vida, um saber cotidiano ligado às preocupações com a saúde, aos partos da mulher, à infância, às crianças, e a todo um procedimento em relação aos cuidados que deveriam ser tomados. Registram também um código de conduta quanto aos aniversários que deveriam ser lembrados, aos casamentos e às mortes que deviam contar sempre com a presença e solidariedade do autor.

Segundo Michelle Perrot o cotidiano,

por essência banal, assume valor positivo se as ninharias que o compõem são convertidas em ritos dotados de uma significação sentimental. É assim que a dona da casa, reunindo a família em volta da mesa em horários determinados, é apontada como a melhor agente de felicidade: ela rege o ritmo do tempo privado, imprime-lhe uma regularidade e preside a sua execução⁴.

Outro ponto que julgo importante sublinhar na conclusão é a presença permanente da censura por parte do autor sobre seu personagem e sobre os temas eleitos para serem perpetuados pelo diário.

Raramente ele emite algum tipo de juízo de valor sobre a mulher, os filhos, os amigos. Quando o faz, é muito comedido com as palavras. É muito econômico no adjetivar. A censura só é vencida em momentos de emoção ou de indignação.

³ HELLER, A., *Sociología de la vida cotidiana*, p.526.

⁴ PERROT, M., *Ritos da vida privada*, os atores, p. 194.

Prevaleceu sempre o sentido de intimidade, de introversão, de segredo. Embora não reste dúvida da intenção do autor em ser lido. Permaneceu sempre uma aura de mistério, de segredo em torno do diário.

Uma das hipóteses levantadas é a da intenção clara da importância dada ao controle, controle da vida, controle do tempo, controle das emoções. Não basta registrar o que ocorreu, mas quando ocorreu. Não basta registrar a sua vida, mas a vida de todo o grupo familiar. Para isto, não são poupados os recursos de comunicação disponíveis, telefonemas diários, farta e freqüente correspondência sobre a forma de cartas, telegramas ou mesmo bilhetes.

O tempo, o prognóstico e a previsão do tempo são aspectos próprios do diário de um meteorologista. Nos últimos vinte anos de sua vida, o tempo de sua vida e o tempo atmosférico ocuparam parte significativa de seus relatos diários. Informações meteorológicas são cotejadas com os dados publicados nos jornais e com os mapas do tempo e a leitura dos instrumentos instalados na sua casa. Mesmo em férias, em Petrópolis, ele mantém as informações e, certamente, leva parte do equipamento para a casa de veraneio alugada. A leitura do tempo é feita à noite, quando é escrito o diário.

Assim como outros cientistas contemporâneos ou de geração que precedeu a sua, ele cria nos diários espaços de informação sobre o estudo dos fenômenos atmosféricos.

Gostaria de citar o exemplo de Charles Darwin que, tendo mandado um diário sistemático e em fascículos para a sua família durante sua longa viagem (cinco anos, de 1831 a 1836) à América, África e ao Oriente, viabilizou o conhecimento do seu trabalho na medida em que o mesmo ia se desenvolvendo.

Outros exemplos interessantes são os diários da tripulação do *Endurance* e a lendária expedição de Shackleton à Antártida em 1915. Tanto os navegadores como a tripulação tinha o hábito de escrever diários, fato que possibilitou o maior aprofundamento sobre o ocorrido. Segundo Michel Pollak: essa tipologia de discursos, de silêncios e também de alusões e metáforas é moldada pela angústia de não encontrar escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos⁵.

⁵ POLLAK, M, *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos históricos*, v.2.

Sampaio Ferraz esperou estabelecer essa escuta a partir da primeira geração, o que realmente ocorreu. A filha, Haydée, foi a guardiã, incumbindo-se da preservação dos diários por mais de trinta anos. Eu, sua neta, sensibilizada pela minha mãe, trabalhei a partir da escuta para elaborar minha dissertação de mestrado.

Diários funcionaram como uma escuta do dito, do não dito, do silêncio, das zonas de sombra, das fronteiras do dizível e do confessável e inconfessável.

O silêncio para ser rompido precisa de uma escuta, para se poder relatar sofrimentos, drenar angústias. A escrita de si preencheu esse papel durante quase dois séculos, hoje um novo fenômeno eclodiu através dos blogs (comunicação e escrita íntima na Internet).

Enquanto no passado os diários significavam uma escrita de si reservada, sempre tiveram a função de desabafo, agora temos os blogs que são uma espécie de diário on-line, em que você fala para todo o mundo e para ninguém especificamente.

O seu conteúdo é bastante variado, desde a busca de um diálogo amplo sobre atualidade até a revelação de segredos, problemas de saúde, sinônimos de solidão, que passam a ser drenados de forma ampla, em que o autor se comunica com um imenso público. Os acontecimentos políticos são assuntos que possuem também bastante ressonância e os blogs do tema funcionam como um relato jornalístico informal.

No dizer de Meg Guimarães, autora de um dos blogs mais “linkados” do país, o Sub-Rosa, o blog hoje é a maior das vertigens de subjetividade⁶.

Há muito preconceito a respeito desses diários on-line muitas vezes definidos como de autoria apenas de adolescentes ou frutos de modismo passageiro.

Já começam a aparecer trabalhos sérios sobre o assunto como é o caso da dissertação de mestrado em Comunicação na UFRJ de Denise Schittine, *Blog: Comunicação e escrita íntima na internet*, publicada no ano passado pela Civilização Brasileira. O ineditismo de Denise está em cruzar algumas correntes, como a do individualismo e a do voyerismo em nossa época, extrapolando suas conseqüências para a internet. Para ela, o blog remonta à evolução da família

⁶ Artigo sobre blogs publicado no jornal O GLOBO de 20 de Maio de 2002.

burguesa que inventou o corredor, os quartos, a sala de visitas, e que consagrou a individualidade crescente, do walkman ao computador, uma máquina que pode ser usada por uma pessoa de cada vez e só. Ao mesmo tempo, o desejo de sociabilidade, inerente ao ser humano, trataria de empurrá-lo para a interação, para a internet e para os blogs.

O diário, considerado como objeto de estudo de História Social, ajuda a explicitar o processo de individualização da modernidade, e vai poder auxiliar a compreensão da tensão entre as duas dimensões do individualismo moderno, o social e o singular.